



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## **CINECLUBE NA ESCOLA: UMA IDEIA EM CONSTRUÇÃO.**

Adelita Alves de Souza; Eliane Maria Dias; Karlla Christine Araújo Souza.

*UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN (adelitalves@yahoo.com.br);  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – CENTRO DE APOIO A PESSOA COM  
DEFICIENCIA VISUAL UERN – CADV/MOSSORÓ (elianedays@hotmail.com);  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE - UERN (karlla\_chris@yahoo.com.br).*

**Resumo:** Como desenvolver o interesse de uma comunidade escolar em formar um clube de cinéfilos, considerando toda a diversidade humana, social, cultural e econômica desse grupo, apontado por dados institucionais como historicamente excluídos? Para tanto propomos promover encontros em que os filmes são utilizados como complementação às aulas expositivas sobre os conceitos, temas e teorias estudados de forma interdisciplinar nas disciplinas de Artes, Biologia, Filosofia, História, Língua Portuguesa e Sociologia do ensino médio. Pois, consideramos que o filme além do entretenimento, também pode estimular a pesquisa, incentivar o compartilhamento de experiências, desenvolver competências individuais e possibilitar o trabalho em grupo. Com isso, nosso objetivo é a criação de um ambiente na escola em que sejam exibidos filmes em datas específicas e que ao final de cada sessão o público compartilhe seus “olhares”, seus entendimentos da organização e subjetividades da vida em sociedade. E assim, tornar a escola um espaço alternativo de atividades culturais. Escolhemos o filme porque ele permite localizar outros discursos/fontes “externos” que o autor dialogou para construção da obra, tornando assim o filme um dado importante de pesquisa. Percebemos que o uso do vídeo e da televisão no espaço escolar é uma necessidade. Isto porque, segundo as teorias mais recentes sobre a mente humana, entre elas a do pensador *Howard Gardner (1994)*, o conhecimento humano advém da interligação e interdependência das sensações, dos sentimentos, da intuição e do raciocínio abstrato. Além disso, este estudo propõe direcionar a pesquisa científica para o cinema, buscando a compreensão de sua produção, seu consumo, seus prazeres e significados inseridos no funcionamento da própria cultura nacional e comunitária.

**Palavras - chave:** Cinema; Ensino; interdisciplinaridade; Sociologia.

### **INTRODUÇÃO**

Por vivermos num mundo submerso em imagens de todo tipo, as novas gerações estão conhecendo a história muito mais através do cinema e da televisão do que através dos livros.

Apesar das enormes contradições, mesmo em países em desenvolvimento como o Brasil, a familiaridade dos jovens e das crianças com os meios audiovisuais a que têm acesso



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

é significativa. Em muitos casos, chega mesmo a intimidar professores na sala de aula. Portanto, a familiaridade com os meios de produção audiovisuais é mais que necessária para a formação de professores e alunos, afinal trabalhar com recursos visuais nas diversas áreas do conhecimento tornou-se uma imposição dos tempos atuais, pois a tecnologia chega independentemente de nosso preparo ou despreparo para lidar com ela.

Desta forma, percebemos que o uso do vídeo e da televisão no espaço escolar é uma necessidade. Isto porque, segundo as teorias mais recentes sobre a mente humana, entre elas a do pensador *Howard Gardner* (1994), o conhecimento humano não é obtido somente pelo raciocinar. Ele advém da interligação e interdependência das sensações, dos sentimentos, da intuição e do raciocínio abstrato. A teoria de *Gardner*, em síntese, afirma que o conhecimento é resultado da interconectividade de cinco habilidades ou ‘inteligências’: a linguística, a lógico-matemática, a espacial, a musical e a sinestésico-corporal, essas duas últimas são complementares. Todo ser humano tem essas mesmas habilidades, localizadas em regiões diversas do cérebro, mas que se desenvolvem com intensidades diferentes em cada indivíduo e em cada cultura. Uns têm mais intenso algumas habilidades que outras. Dessa forma, o mesmo método de ensino pode resultar aprendizagem em um indivíduo e ser ineficaz em outro, porque os indivíduos aprendem de formas diferentes. Sendo essas habilidades ou instrumentos comuns a todos, os caminhos para o conhecimento são múltiplos, mas “a trilha é sempre semelhante: partindo do concreto, do sensível, do analógico na direção do conceitual, do abstrato” (Gardner, 1994).

Embora “a fala, a escrita e o texto impresso são, e vão sempre continuar a ser, tecnologias fundamentais para a educação (tanto em suas modalidades presenciais como nas remotas), os meios de comunicação e as chamadas ‘mídias interativas’ estão produzindo uma reestruturação dos sistemas educativos” (LÉVY, 1993).

Atualmente, os meios de comunicação, principalmente os áudio vídeo gráficos como a televisão, fazem a aplicação desse teorema, superpõem e combinam essas habilidades de forma a sacudir nosso cérebro e obtém o conhecimento, pela força em que o indivíduo é tocado, em certos aspectos, de forma mais eficaz do que uma aula expositiva, nos fazendo questionar se é a escola, hoje, “o único meio ou o mais eficiente e ágil de socialização dos



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

conhecimentos técnico científicos e de desenvolvimento de habilidades cognitivas e de competências sociais requeridas para a vida prática” (LIBANEO, 2003).

“Somos "tocados" pela imagem através dos movimentos de câmera, pela música que nos comove, pela narração emocionada de uma vítima ou apresentador. Enquanto a imagem e a música nos sensibilizam, a palavra e a escrita (textos, legendas) orientam a decodificação, racionalizam o processo. Normalmente a imagem mostra, a palavra explica, a música sensibiliza, o ritmo entretém. Mas as funções mudam, se intercambiam, se superpõem. Todos os sentidos são acionados, o nosso ser como um todo é atingido. Todo o nosso ser é atingido, não só o a inteligência. Daí a sua força” (MORAN, 1994).

E é por isso que o filme aparece nas OCNs de sociologia como um recurso didático inovador e utilizá-lo em sala de aula, permite mostrar determinado assunto de forma direta ou indireta, pela materialização do exemplo que se fala em aula, pois ajuda a compor cenários desconhecidos dos alunos, ajudando a situá-los no tempo histórico.

Contudo é preciso por parte do docente, um aprimoramento do seu conhecimento sobre a linguagem cinematográfica, pois segundo *Marc Ferro* a linguagem cinematográfica não é nada inocente:

“as escolhas técnicas e estéticas de um cineasta fornecem informações importantes sobre o filme, sobre o cineasta e sobre os efeitos que ele procura alcançar através da sétima arte. Dessa maneira, a forma pela qual o cineasta elabora seu discurso através de planos, de uma fotografia ou pelo uso de determinados sons, são maneiras de intervenção no mundo social, através da “ideologia” a qual eles estão a serviço” (FERRO, 1992).

Daí a importância de recorrer a teóricos do cinema para melhor compreender as artimanhas utilizadas por esses cineastas para elaborarem seus discursos.

Encontra-se entre nossos objetivos, resgatar o prazer de ver filmes coletivamente, preservando o debate apaixonado e com riqueza de teoria científica. Como produtos desta oficina, esperamos a formação de um grupo de cineclubistas, isto é, pessoas apaixonadas pelo encontro para ver, compartilhar e criar filmes. Criar um grupo que olhe e atue no mundo de forma particular, desenvolvendo assim uma “identidade conceitual” de modos de escolher e produzir filmes com conteúdos diferentes dos comerciais, que visam prioritariamente o lucro e a diversão.



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## A ORIGEM DO CINEMA

Indícios históricos e arqueológicos comprovam que é antiga a preocupação do homem com o registro do movimento. O desenho e a pintura foram as primeiras formas de representar os aspectos da vida humana e da natureza, produzindo narrativas através de figuras. O jogo de sombras do teatro de marionetes oriental é considerado um dos mais remotos precursores do cinema. Experiências posteriores como a câmara escura e a lanterna mágica constituem os fundamentos da ciência óptica, que torna possível a realidade cinematográfica.

O cinematógrafo torna possível a projeção de imagens ao público, que são projetadas sobre uma tela branca gigante. O cinetoscópio foi inventado por *Thomas Edison*, em 1890. Não era projetado numa tela, mas no interior de uma máquina, e o filme só podia ser visto por um espectador de cada vez. Os irmãos *Lumière* foram os que produziram o primeiro filme cinematográfico: “A Saída das Fábricas Lumière”.

Para captar e reproduzir a imagem em movimento, a partir de 1826 são construídos vários aparelhos baseados no fenômeno da persistência retiniana (fração de segundo em que a imagem permanece na retina) até que finalmente, em 1895 surge o Cinetoscópio, um aparelho que é uma espécie de ancestral da filmadora – é movido a manivela e utiliza negativos perfurados, substituindo a ação de várias máquinas fotográficas para registrar o movimento.

A captura da “imagem-movimento” foi possível a partir de 1889 com a criação do cinetoscópio por *William Dickson*, assistente do cientista e inventor americano Thomas Edison. Esse invento e os modelos que o sucederam na década seguinte contribuíram para o desenvolvimento do cinema tal como o compreendemos hoje, ou seja, a arte cinematográfica.

O cinema, portanto, teve origem no cinetoscópio, que, todavia, não projetava as imagens em telões. O espectador do cinetoscópio tinha de observar (durante um tempo-limite de 15 minutos) as imagens no interior de uma câmara escura por meio de um orifício em que colocava um dos olhos. Nesse sentido, a experiência visual proporcionada pelo cinetoscópio não podia ser feita coletivamente. Edison não chegou a patentear o invento, o que abriu portas para outros inventores, sobretudo da Europa, aperfeiçoarem o modelo.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

No ano de 1892, o francês *Léon Bouly* conseguiu, a partir do cinetoscópio, desenvolver o cinematógrafo, um modelo que conseguia gravar e projetar a luz das imagens em movimento em tela, em quadros por segundo. Contudo, *Bouly* não possuía dinheiro para registrar a patente do invento. O cinematógrafo acabou por ser patenteado pelos irmãos *Auguste e Louis Lumière*, que passaram, a partir de 1895, a fazer várias produções cinematográficas de pequena capacidade e a exibi-las em sessões especiais para isso.

A primeira exibição de filme pelos *Lumière's* ocorreu em 22 de março de 1895. O filme era intitulado “*La Sortie de L'usine Lumière à Lyon*” (A saída da Fábrica Lumière em Lyon) e registrava a saída dos funcionários do interior da empresa *Lumière*, na cidade de Lyon, na França. Foi ainda com os irmãos *Lumière* que começaram as primeiras “direções cênicas” para o cinema. O cinematógrafo logo passou a registrar não apenas cenas do cotidiano, mas também cenas dramáticas, elaboradas com certo nível de teatralidade.

No Brasil, o cinematógrafo chega em 1898 com *Affonso Segretto*, imigrante italiano que se tornou o primeiro cineasta no país ao filmar cenas do porto do Rio de Janeiro.

Já o primeiro cineclube da história brasileira, o Chaplin Club, teve sua sessão inaugural em 13 de junho de 1928 e logo de cara publicou a revista “O Fan”, onde debatiam os filmes exibidos e suas ideias.

Nos anos 30, inicia-se a era do cinema falado. Já então, o pioneiro cinema nacional concorre com o forte esquema de distribuição norte-americano, numa disputa que se estende até os nossos dias.

### **METODOLOGIA:**

- Exibição dos filmes;
- Estudo de um texto auxiliar com fundamentação conceitual e histórica sobre o filme;
- Debate entre os participantes com mediação do professor;
- Pesquisa científica sobre cinema, sua produção, seu consumo, seus prazeres e significados inseridos no funcionamento da própria cultura;
- Aulas sobre técnicas de filmagem e edição de vídeos;
- Produção de um vídeo curto usando as técnicas estudadas;



- Apresentação no dia da ‘culminância’, dos vídeos produzidos;
- Auxiliar a formação de um Cineclube na Escola;

### **CONTEÚDOS DE APRENDIZAGEM E FILMES ESCOLHIDOS:**

- 1º ANO: Senso comum X Ciência; Investigação científica; Direitos autorais (O nome da Rosa; Piratas da informática); Indivíduo e sociedade (Lost- episódios; FormiguinhaZ);
- 2º ANO: Trabalho e exploração (Tempos Modernos; Os miseráveis); Trabalho e capitalismo (Documentário: Peões);
- PARA AMBAS AS SÉRIES: Diferença ente longa e curta metragem, resumo, roteiro, e técnicas de filmagem (Saneamento Básico: O Filme);

### **RESULTADOS E DISCUSSÃO:**

Para este relato inicial nossa amostra foi de 20 alunos do 1º e 2º anos.

1. Quando perguntamos se gostam de cinema, 100% dos entrevistados responderam que sim.
2. Na justificativa 40% (08) disseram que melhora o humor (diverte). Ou que é uma forma de entretenimento e descontração. Seis alunos, 30% da amostra justificaram que gostam porque diverte e por ser um bom momento para estar ou encontrar com amigos. Sendo que um aluno (5%) apontou a mudança de rotina (sair), diversão e encontrar amigos. E para quatro alunos, 20% é uma forma de aprendizado por outra linguagem, a audiovisual. Um aluno (5%) não quis ou não soube responder.
3. Quando questionados sobre a frequência com os discentes vão ao cinema, responderam que:
  - a) Nunca foram: 15% (03);
  - b) Raramente/quase nunca (por volta de uma vez/ano): 65% (13);
  - c) Com frequência (por volta de 12 vezes/ano): 03=15% (03);



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

- d) Com muita frequência (por volta de 48 vezes/ano ou 1vez/semana): 05% (01);
- e) Não sabe: 00=00%.
4. Sobre a importância do cinema na vida de cada um, revelaram ter o cinema:
- a) Nenhuma importância: 30% (06);
- b) Nem tanta importância, pois só proporciona lazer: 15% (03);
- c) Muita importância, porque aprendemos alguma coisa, pois muitas vezes reproduz fatos da vida real: 40% (08);
- d) Elevada importância, porque proporciona diversão, conhecimento e assunto para debatermos após assisti-lo: 10% (02);
- e) Fundamental importância para aprender línguas estrangeiras: 05% (01).
5. Para detectar a viabilidade da formação do cineclube foi questionado aos educandos se ‘gostariam que a escola oferecesse sessões semanais de cinema’, responderam sim: 95% (19 alunos) e não, 05% (01).
6. E sobre a possibilidade de se aprender ou não por meio do cinema e de que forma, chegamos às seguintes respostas:
- a) Sim, aprende-se, desde que o filme ofereça algum tipo construtivo de aprendizagem e o aluno se concentre e preste bastante atenção: 35% (07);
- b) Há aprendizagem, desde que o aluno direcione sua atenção, pois mostra exemplos que apenas pela explicação oral não conseguiriam entender: 25% (05);
- c) Aprende-se, pois pode retratar de forma realista os fatos apresentando, mesmo algo que ocorreu no passado. E ilustra informações que apenas pela explicação oral do professor não conseguimos aprender e ainda, reproduz exemplos de experiências vividas, que muitas vezes, não passamos por motivo da nossa pouca idade: 30% (06);
- d) Não sabem/não responderam: 10% (02).

### CONCLUSÕES:



Consideramos que utilizando o filme como ferramenta didática, foi possível estimular a pesquisa, incentivar o compartilhamento de experiências, desenvolver competências individuais e possibilitar o trabalho em grupo.

Com isso, a criação de um ambiente na escola em que foram exibidos filmes em datas específicas e que ao final de cada sessão o público compartilhou seus “olhares”, seus “entendimentos da organização e subjetividades da vida em sociedade”, foi possível por meio de estratégias convidativas como sorteios, bingos e disponibilização de um ambiente agradável, com conforto e atrativos de um cinema convencional.

Mesmo havendo certo desengajamento por parte da maioria, com um grupo pequeno, mas motivado foi materializado o objetivo de tornar a escola um ambiente culturalmente melhor, de forma a conseguir pouco a pouco, novos adeptos, para então futuramente ser também esta instituição, um espaço alternativo de atividades culturais.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

FERRO, Marc. Cinema e história. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1992.

GARDNER, Howard. Estruturas da Mente: a Teoria das Inteligências Múltiplas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994, 340 p.

GARDNER, Howard. Inteligências Múltiplas: a Teoria na Prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, 214 p.

KENSKI. Vani Moreira. As tecnologias invadem nosso cotidiano. In: Salto para o Futuro, Boletins 2002: TV na Escola e os desafios de hoje, Programa 2: As tecnologias na educação básica. Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins2002/tehd/tehdtxt2a.htm>>. Acesso em: 14 jan. 2008.

LIBANÊO, José Carlos (Org). Educação Escolar: Políticas, Estrutura e Organização. São Paulo: Cortez, 2003.p.53.

LÉVY, Pierre. As Tecnologias da Inteligência. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993, 208 p.

MORAN, José Manuel. Interferências dos meios de comunicação no nosso conhecimento. Disponível em: <[www.eca.usp.br/prof/moran](http://www.eca.usp.br/prof/moran)>. Acesso em 25/05/2007;





# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

\_\_\_\_\_. Novas Tecnologias e o Reencantamento do Mundo. Disponível em  
<<http://www.eca.usp.br/professor/moran/novtec.htm>>;

\_\_\_\_\_. Comunicação e Educação. São Paulo, (2): 27 a 35, .jan./abr. 1995.